

GEMELLAGIOS ENTRE BRASIL E ITÁLIA: LIAMES HISTÓRICOS DE IDENTIFICAÇÕES COLETIVAS E TERRITORIAIS

GEMELLAGGI BETWEEN BRAZIL AND ITALY: HISTORICAL LINKS OF COLLECTIVE AND TERRITORIAL IDENTIFICATIONS

João Carlos Tedesco¹

RESUMO

O texto aborda alguns dos processos atuais que configuram ligações associativas e de identificação étnico-territorial entre descendentes de imigrantes italianos e suas regiões de origem. Os acordos de *gemellaggi* são expressões atuais desse processo. Eles se evidenciaram a partir de 1990 e são efetivados, com maior expressão, no centro-sul do país. A partir de pesquisas de campo na região do Vêneto, na Itália (2017, 2019 e 2023), bem como em municípios do norte e nordeste do Rio Grande do Sul que possuem acordos, evidenciamos que há um grande dinamismo: buscamos congregar territórios, identificações grupais, negócios, migrações tuteladas e redes transnacionais. Com isso, formas variadas de associacionismo seguem seus cursos no tempo, e as italianidades são reconfiguradas.

Palavras-chave: *Gemellaggios*; Associacionismo; Italianidades.

ABSTRACT

The text addresses some of the current processes that shape associative links and ethnic-territorial identification between descendants of Italian immigrants and their regions of origin. Gemellaggi agreements are current expressions of this process. They became evident from 1990 onwards and are effective, with greater expression in the center-south of the country. Based on field research in the Veneto region of Italy (2017, 2019, and 2023), as well as in municipalities in the north and northeast of Rio Grande do Sul that have agreements, we show that there is great dynamism; the aim is to bring together territories, group identifications, businesses, protected migrations, and transnational networks. As a result, varied forms of associationism follow their course over time, and italianities are reconfigured.

Keywords: *Gemellaggios*; Associationism; Italianities.

1 Graduação em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo, mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Fez estágio de pós-doutoramento, professor visitante e Visiting Researcher na Universidade de Verona - Itália.

INTRODUÇÃO

As relações associativas entre entidades do Brasil e da Itália e, vice-versa, desde *a grande emigração* (Franzina, 2005) do final do século XIX, sempre se evidenciaram. Elas se processaram de várias formas e expressões: econômicas, diplomáticas, religiosas e políticas. Imigrantes italianos, não muito diferentes de outras nacionalidades, de uma forma ou de outra, produziram seus vínculos, suas redes e suas correspondências entre os imigrantes e destes com seus espaços de origem (Trento, 1990; Luca, 1990; Franzina, 1979). As associações foram as que se evidenciavam com maior expressão. Algumas delas possuem mão dupla. Eram viabilizadas entre entidades dos dois países em co-presença, em rituais que reivindicavam pertencimentos e congregações territoriais, de cunho solidarístico, religiosas e linguísticas da mãe-pátria e que, nos espaços de destino, eram ritualizadas, integravam imigrantes e produziam pertencimentos.

Os *gemellaggi*², na atualidade, objetos de nossa singela e panorâmica reflexão e análise, expressam um salto temporal de mais de 100 anos em relação às primeiras associações e vínculos integrativos; porém, não mais entre imigrantes, mas descendentes de quarta ou quinta gerações. Eles revelam um mundo em rede, que intensificou seus processos considerados globais, de além-fronteiras nacionais e que produz uma representação mundializada de fenômenos culturais objetivados pelos canais transnacionais de comunicação, conhecimento e informação. Os *gemellaggi*, em seus rituais e objetivos associativos, reatam territórios e a imigração do passado, com isso dão funcionalidade ao do presente (com o sentido geográfico e simbólico inverso).

Ao seu modo e ao seu contexto histórico e societal, esses novos processos associativos e integrativos, entre territórios e descendentes de imigrantes italianos, preservam sentidos da imigração, da pátria-mãe, do lugar de partida e seus vínculos com os de chegada, bem como dimensionam configurações de italianidades transnacionais. Nesse sentido, processos migratórios de italianos, do passado, incorporam novos sentidos, permitem viabilizar, com maior confiança e interconhecimento, possibilidades de negócios, trânsitos transnacionais e políticas de intercâmbios culturais.

2 *Gemellaggi*, de uma forma genérica, são acordos de amizade, cooperação, intercâmbios e de memórias entre dois municípios, dos dois países (Itália e Brasil), os quais, a partir de comprovações histórico-genealógicas e dialetais, que vinculam imigrantes do passado (em geral, mais de 100 anos) de um determinado espaço de origem a um de destino numa dimensão de passados comuns. Esse novo formato associativo, ao que tivemos condições de conhecer, intenciona produzir intercâmbios culturais, possibilidades de ações econômicas, assessorias técnicas, tutelar migrações de brasileiros para atuar em determinados setores produtivos e de serviços na Itália, com a base identitária/étnica e/ou de identificação grupal regionalizada.

Os *gemellaggi*, os festejos genealógicos (denominados de “Festas de Família”) em torno de um sobrenome comum, com parentesco e vínculos alargados, as políticas que viabilizaram a dupla-cidadania pela base jurídica do *jus sanguinis*, a intensa emigração de brasileiros para a Itália³, dentre outras questões, são processos integrativos, estratégias e dinâmicas transnacionais situadas num mesmo contexto, intercorrelacionadas e, intensamente presentes, a partir da década de 1990, principalmente no sul do Brasil.

Nessa dinâmica de ações e de tempos comuns, identificações *transnacionais* circulam por territórios que passam a ganhar conotação étnica. Em particular, no sul do Brasil com algumas regiões do centro-norte da Itália, as quais, no país de destino dos imigrantes do passado, preservam e recriam relações com a “pátria-mãe”, formando a simbologia da *origem* e ritualizando a continuidade desta.

É esse horizonte de relações, representações, simbologias e rituais, que dão a tonalidade de tempos e territórios que se vinculam com sujeitos coletivos, é o que buscamos refletir no presente texto. Queremos dar ênfase ao fato de que os *gemellaggi* e outras formas de ritualizar pertencimentos e identificações étnicas (dupla cidadania e festejos de famílias e suas genealogias, imigração “de retorno”, dentre outras ações) são expressões de um amplo horizonte político-econômico e cultural que aciona o passado da imigração italiana para algumas regiões do Brasil, bem como objetiva produzir ritualidades agregativas de pertencimentos. Entendemos que os *gemellaggi* atestam a atual, mas histórica, dinâmica dos associacionismos de descendentes de italianos no Brasil, porém, com algumas diferenças em relação aos demais de tempos anteriores: são efetuados em coparticipação territorial entre os dois países; exigem vínculos e redes de pertença histórica, estas fundadas na relação entre o espaço de origem e de destino de imigrantes italianos, além de outros requisitos.

É uma reflexão genérica, fruto de nossos vínculos com o tema, que se dão de longa data. Pesquisamos, por quase duas décadas, sobre a imigração italiana para a Colônia Guaporé⁴ e sobre a imigração brasileira na Itália das últimas três décadas, além de pesquisas empíricas sobre os *gemellaggi* em

3 Ainda que os dados sejam desconhecidos entre as agências de estatísticas públicas, tanto do Brasil quanto da Itália, segundo a pesquisa da Caritas Migrantes (2023), sem contar os que possuem a dupla cidadania, há em torno de 80 mil imigrantes brasileiros na Itália. Esses dados oscilam muito em razão também da mobilidade de imigrantes no interior da Europa como um todo. Nos períodos em que fizemos pesquisa, antes da Pandemia de Covid-19, havia, pelos dados da Caritas/Migrantes (2020), em torno de 160 mil.

4 Território amplo, situado na região da Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul. Foi a última colônia oficial de imigração italiana, instituída em 1892.

vários municípios do centro-norte do estado, bem como em alguns municípios da Itália, principalmente pertencentes à região do Vêneto (nordeste da Itália, nos meses de janeiro e fevereiro de 2017 e 2019, assim como de setembro a novembro de 2023⁵). As fontes se baseiam na revisão de literatura sobre associativismo de descendentes de italianos, identidade étnica, rituais de pertencimento étnico que expressam italianidades, em estudos específicos sobre os *gemellaggi*, com nossa presença, em alguns deles, nestes últimos anos, bem como em festejos de família em municípios das regiões norte e nordeste do estado.

O presente texto, primeiramente, aborda alguns aspectos do campo associativista que, historicamente, vincularam imigrantes entre si e com a pátria-mãe; é apenas um esboço sintético e informativo. Posteriormente, daremos ênfase ao fenômeno da globalização e as reações de grupos de descendentes de italianos, com maior vínculo com a Itália, no sentido de produzir formas de expressão das italianidades, envoltas nos festejos étnicos, de família, a aquisição da dupla cidadania e os *gemellaggi*. Queremos, com isso, refletir sobre as formas de expressão e as dinâmicas que reconfiguram liames culturais, territoriais, étnicos que se ligam e produzem pertencimentos transnacionais e formas associativas.

1 ASSOCIACIONISMO E IDENTIFICAÇÃO COLETIVA

Buscar criar vínculos entre si e associar-se sempre foi lugar-comum entre imigrantes. É uma prática que revela múltiplos processos, estratégia que define horizontes fronteiriços entre integração social e manutenção de referenciais da sociedade de origem. A grande maioria dos grupos imigrantes de ontem e de hoje, seja de onde for, buscou/a produzir processos de identificação, estabelecer fronteiras e ações de auxílio mútuo (Ambrosini, 2009; Luca, 1990). As associações nos espaços de destino ritualizam pertencimentos aos seus imigrantes e, com isso, amenizam um pouco a nostalgia destes e dos que ficaram. Em alguns casos, elas auxiliam na redução do estigma de ser imigrante, lhes dão certo empoderamento, visibilidade e criam possíveis situações de integração social. Além disso, permitem intercâmbios culturais entre imigrantes e autóctones.

Os formatos das associações foram e são variados, porém as intenções e os objetivos tendem a ser muito comuns, inclusive os que se manifestam na migração contemporânea. As associações de imigrantes podem

5 Em ambos os períodos, estivemos realizando estágio de professor pesquisador-visitante junto à Universidade de Verona - Itália, com bolsa do Edital Cooperint – Cooperação Internacional – da referida instituição.

contribuir para reforçar as redes religiosas, os sentimentos de nacionalidade, a circulação de informações, a organização dos festejos, conectar imigrantes ao seu país de origem. Dependendo dos sujeitos sociais e seus níveis de integração e de aceitabilidade nas sociedades de destino, expressam estratégias de resistência, de fortalecimento do poder grupal, de ritual produtor de coletividades etnonacionais em circuitos de transmissão fora e com o local de origem (Marabello, 2009; Ambrosini, 2009). Portanto, elas se tornam fundamentais e estão em correspondência com a recepção e a situação dos imigrantes nas sociedades de seus novos vínculos e experiências de vida.

As associações de cunho mais integrativo, mesmo com suas diferenciações entre si, podem tornar-se *atores sociais* e coletivos, atuantes nas sociedades de destino, mas também no espaço de origem, na medida em que criam novos *laços sociais*, viabilizam processos de desenvolvimento através de remessas financeiras⁶ ou, então, angariam recursos do referido espaço (Berti, 2009; Luca 1990). Elas refletem os vínculos e as oportunidades nas sociedades de imigração (Marabello, 2009). Seus objetivos podem ser múltiplos e mudar no decorrer do tempo, no entanto, valores como solidariedade e ajuda mútua permanecem entre os membros, principalmente acionados em momentos de dificuldades como os vividos por muitos imigrantes italianos, no Brasil, no período da *velha* imigração (segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX).

Como já mencionamos, as associações são diversas, com formatos diferentes. São uma espécie de movimento de defesa coletiva nos contextos hostis; revelam estratégias, no caso em questão, de imigrantes, que buscam se fortalecer enquanto grupo que, mesmo com diferenciações de locais de origem e de horizontes culturais, tomou a mesma decisão de emigrar, foi revestido com a identificação de imigrante, proveniente de um mesmo país e que fala a mesma língua. Elas [associações] tendem a ser agrupamentos de pessoas com origens comuns e que buscam desenvolver ações de solidariedade, integração, reivindicação de direitos etc. (Angrisano, 2022 apud Pugliese, 2024, p. 54).

Com algum tempo integrado na sociedade de destino, muitos imigrantes buscam particularizar-se um pouco mais, criando, com isso, associações específicas de uma região de partida. É o caso das várias associações de imigrantes italianos que reproduziram fronteiras e identificações regionais nos espaços de destino (associação de vênnetos, lombardos, napolita-

6 Como é o caso dos imigrantes atuais junto aos locais de origem; em boa parte, esse processo é diferente da imigração do passado. Hoje imigrantes, em geral, investem financeiramente no local de origem.

nos, dentre outros). Desse modo, essas associações mais particularizadas agregam imigrantes de um mesmo local de origem, mas espalhados por todo o país ou em rede com vários países; há federações e confederações de associações que buscam congregar e dar dinamismo maior, muitas vezes, transnacionais, mas que representam uma região no local de origem (“I veneti nel mondo”, por exemplo). Essas dimensões, dependendo dos locais de destino e de origem, são marcadas pela diversidade e, como consequência, por uma maior complexidade relacional e de sentidos de grupos e espaços.

Enfim, os imigrantes constituem seus vínculos de base territorial, linguística, parental, familiar e comunitária, ao mesmo tempo em que vivem as *lógicas de terreno* (Cunha, 2007), de saída e de destino, com suas culturas, crenças, dialetos, modos de vida, os quais vão se reconfigurando, ou então, adaptando e integrando-se para obter resultados no horizonte de sua filiação, pertencimento e aceitabilidade entre si e com a sociedade maior em que estão inseridos, para, com isso, potencializar sua identificação histórica e territorial. As italianidades (no plural) foram e ainda o são muito expressivas, ou seja, de diversidades nos e dos locais de origem e, como consequência, nas formas de manifestação e ritualidades de pertença nos espaços de destino. Elas foram e continuam sendo alteradas no tempo, ganhando novas simbologias e expressões em razão de sua identificação territorial original. E isso não é só a realidade presente entre italianos no Brasil, mas outras nacionalidades também o fizeram e criam dinâmicas que dão sequência. É o caso de alemães, sírios, libaneses⁷, russos da Rússia e da sua circunvizinhança e de várias outras nações⁸.

2 O ASSOCIACIONISMO DE DESCENDENTES DE ITALIANOS: DIVERSIDADES E ESTRATÉGIAS

O associacionismo italiano no Brasil acompanhou a dinâmica da sua imigração. Ele é amplo, de longa data, variado e complexo. Há uma ampla literatura que o aborda⁹. Aqui, para nosso objetivo, apenas informaremos alguns elementos desse amplo horizonte para dar uma conotação processual a ele. O espaço não nos permite ir além.

7 Analisamos formas associativas de sírios e libaneses no centro-norte do Rio Grande do Sul em TEDESCO, João Carlos; VANIN, Alex; JACOMELLI, Jussara. *Sírios e libaneses no centro-norte do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Acervus, 2020.

8 Nesse campo das múltiplas identidades de imigrantes no interior de um projeto de colonização, estamos realizando um estudo sobre a experiência da Colônia Erechim, a qual teve início em 1908, no norte do Rio Grande do Sul.

9 Sobre esse tema, para o primeiro meio século de imigração (1975-1925), ver, dentre outros/as, Trento (1990); Biondi (2012); Zanini (2006); Siviero (2004); Colognese (2004).

As formas associativistas de imigrantes italianos no Brasil foram de grande expressão, principalmente, com preocupação solidarística no primeiro meio século de imigração, porém tiveram momentos posteriores de impedimentos políticos e de pouca visibilidade (Dalmolin, 2006). Nas comemorações do cinquentenário da imigração italiana no Brasil¹⁰, nos materiais que foram produzidos, nos festejos etc., há manifestação intensa de associações, com maior centralidade em São Paulo, mas também com identificação na região colonial italiana no Rio Grande do Sul e no Paraná.

Nesse período (primeiro meio século), quase todas as cidades que possuíam um grupo significativo de imigrantes italianos dispunham de sociedades de auxílio mútuo¹¹. Estas, além de ser um horizonte de autoidentificação grupal (imigrantes italianos) e uma forma de integração e, ao mesmo tempo, de visibilidade pública e demarcação de fronteiras, buscavam promover ações assistenciais e solidárias aos *seus* (filhos de imigrantes), mas também estendidas a outras famílias com dificuldades financeiras e com problemas de saúde etc. Essas associações, em geral, buscavam suprir lacunas das políticas públicas de assistência (ou até em razão da inexistência dessas). Dessa forma, por atuarem no campo assistencial, ganhavam respaldo público e social, integravam imigrantes à sociedade nacional, além de permitirem maior visibilidade e distinção social aos sujeitos coletivos em questão junto à sociedade nacional (Luca, 1990; Biondi, 2012; Bertagna, 2006; Noronha, 2001).

No entanto, neste período também surgiram outras associações, algumas de cunho cultural, de lazer e empresariais, estas últimas, de ramos específicos de atuação entre italianos. Esse é um processo que se intensificou muito nas décadas posteriores ao cinquentenário (Capelin, 2010; Costa; De Boni, 1984) e ressignificou a imigração e os imigrantes italianos (vistos de uma forma geral), dando-lhes uma representação progressista. Tais associações produziram uma grande sobreposição étnica no ramo econômico-empresarial em muitas das regiões que tiveram grande contingente de imigração italiana (Herédia, 2017; Capelin, 2010; Trento, 2000). Isso esteve presente em São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Espírito Santo, também no Rio Grande do Sul. Houve associações identificadas em outros setores, como é o caso do futebol (Società Palestra Itália; o Esporte Clube Cruzeiro e outros clubes menores em municípios de menor expressão); no campo religioso, na esfera política, as quais, algumas delas, possuíam ramificações na

10 Ver *Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud, 1875-1925*. Obra escrita em italiano. Impressa em 1925 pela Livraria do Globo, em dois volumes.

11 Não temos condições nem espaço para avançar nessas questões aqui. Remetemos aos estudos de Siviero (2004) e Trento (1990).

Itália, ou melhor, brotando da pátria-mãe.

Grande parte das associações de italianos em toda a sua história incorporaram basicamente cidadãos. Já os imigrantes que foram para o meio rural/agrícola, pouco ou nada tiveram expressão associativa. Foram raros aqueles que participaram ativamente, com exceção para fazendeiros de café, em São Paulo e no Espírito Santo; alguns criadores de gado em Minas Gerais; madeireiros no Paraná e proprietários de agroindústrias no sul do Brasil. Porém, o colono, agricultor familiar, que expressou ser o grande contingente de imigrantes, pouco ou nada se fez presente ou foi representado no âmbito associativista identificado como de italianos (Siviero, 2004; Maestri, 2000).

No entanto, alguns pequenos círculos, com cunho regionalizado (trentinos, lombardos, friulanos, vênets, dentre outros) fizeram-se presentes e buscavam vincular descendentes dessas regiões que se situaram no meio rural, porém, em geral, eram expoentes de setores empresariais (uva/vinho, madeireiros, moageiros, ferreiros, entre outros). Foram estruturadas pequenas cooperativas, caixas rurais - sendo estas as que formavam um pecúlio, uma espécie de poupança, entre seus sócios para viabilizar investimentos - dentre outras formas de produzir uma coletividade que pudesse expressar e dimensionar italianidades, buscando contemplar descendentes de italianos no meio rural. Esse processo no sul do Brasil teve grandes frutos com a constituição de cooperativas, principalmente do setor vitivinícola (De Boni; Costa, 1984; Luca, 1990; Colognese, 2004; Herédia, 2017).

Boa parte das associações dos primeiros 75 anos da imigração italiana expressaram e auxiliaram na dinamização de grandes transformações na sociedade brasileira, principalmente na esfera produtiva capitalista, nas relações de trabalho, nos horizontes mercantis em geral, naquilo que o governo brasileiro intencionava com a imigração, em suas várias nacionalidades, na necessidade de, em meio a vários outros grupos internacionais, produzir demarcações de fronteiras e, em algum espaço territorial, sobrepor-se às demais. Em correspondência com esses e outros processos, as associações atuaram em vários campos, mas, em grande expressão, as de dimensão regional (com as regiões do Vêneto, Lombardia, Friuli, Trentino), no interior da mesma nacionalidade (no caso, a italiana), as quais intencionavam reconstituir, de uma forma transnacional, processos étnico-culturais e de identificação política com a pátria-mãe.

Biondi (2012) e Colognese (2004) afirmam que houve “explosão de sociedades italianas”, com maior expressão em São Paulo, porém, no estado do Brasil Meridional, também se evidenciaram, ainda que de forma menos expressiva. Segundo Bernasconi e Bertagna (2024), em 1920, registraram-

-se 182 associações no país, com grande centralidade em São Paulo. Elas refletiam o contingente amplo de imigrantes no estado de São Paulo (mais de um milhão), que foi maior que em outros da federação (Biondi, 2012; Franzina, 2005). Segundo Trento (1990), em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, intensificaram-se as identificações das agremiações com as regiões de origem. Assim, incorporaram, na sociedade de destino, as diversidades regionais e políticas, as quais, em alguns casos, demonstravam ser conflitantes (socialistas/clericais, monarquistas/republicanos, dentre outros), expressando, dessa maneira, continuidades de posições políticas, visões de mundo, dialetos e culturas regionais, mas também dinâmicas de reconstrução do pertencimento étnico. Jornais de imigrantes italianos no Brasil e, em geral, tendo a sua ampla comunidade como público-alvo, expressavam essa demarcação de fronteiras *internas* (Trento, 1990; Bertagna, 2006; Noronha, 2001).

No período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, associações italianas produziram maiores conflitualidades e divisões entre si e no interior delas em razão do regime fascista na Itália (Noronha, 2001). A política de governo Vargas, a partir de 1937, reduziu e/ou fez recrudescer associações, em particular, as italianas. Jornais e outros veículos de publicação escrita foram, em boa quantidade, extintos ou temporariamente fechados (Trento, 1990; Luca, 1990; Noronha, 2001). Alguns mudaram de nome, seu foco, sua escrita etc., como estratégia para continuar operando, ou, então, assim o fizeram na clandestinidade, adequando sua linha editorial, seus objetivos e foco em correspondência com a filosofia política do referido governo (Dalmolin, 2006). Nesse sentido, no tocante aos processos de identificação étnica, houve redimensionamentos de práticas e de abordagens que referenciavam os grupos étnicos italianos. No entanto, o contexto histórico brasileiro do período pós-Segunda Guerra Mundial, em particular, com as políticas de industrialização, urbanização, integrações regionais, modernização da agricultura etc., induziu alterações no quadro associativo das múltiplas dimensões das italianidades, principalmente no centro-sul do país (Colognese, 2004; Maestri, 2000; Pellanda, 1950). Porém, como já mencionamos, os rituais de afirmação pública e sobreposição étnica de descendentes de italianos, em particular, no campo econômico, futebolístico e político, continuaram (Luca, 1990; Colognese, 2004). Várias regiões do país incorporaram conotações de progressismo econômico e passaram a ser identificadas como de “imigração italiana”, em particular, no Rio Grande do Sul, em razão de sua intensa industrialização e crescimento urbano (Herédia, 2017; De Boni; Costa, 1984; Maestri, 2000).

Com a globalização econômica, pós-década de 1990, novos processos no campo associacionista e de relações entre descendentes de italianos

no Brasil com sua pátria-mãe se fizeram sentir. Algumas linhas a seguir traçam presentes alguns elementos.

3 REGIONALIDADES E IDENTIFICAÇÕES ÉTNICAS NO CONTEXTO DE GLOBALIZAÇÃO

A globalização econômica abriu fronteiras em múltiplos âmbitos. Estados e governos nacionais passaram a ser questionados em termos de importância e de autonomia econômica e política; o mundo passou a se revelar mais aberto, flexível em termos culturais; negócios ganharam maior dinamismo em nível transnacional; tecnologias de comunicação e informação facilitaram contatos, redes e ações transnacionais e no interior dos próprios países; regionalismos, etnicidades, territórios passaram a ser questionados em seu sentido de particularidade num horizonte que prometia ganhar feições mundializadas. Esse novo contexto histórico revelou certo temor de perdas culturais (Bauman, 2003). Logo, frente a esse temor, como estratégias, grupos étnicos buscaram redefinir-se ou reconstituir horizontes específicos do *lugar* e, nessa ampliação, novos significados foram impressos, os quais expressaram resistência frente aos mecanismos econômicos e culturais da globalização/mundialização que se evidenciaram com mais intensidade pós-década de 1990 (Ianni, 1996; Sassen, 2008; Bauman, 2003).

Na Itália, por exemplo, na década de 1990, intensificaram-se ações políticas das regiões em busca de suas próprias identidades (como as várias Legas regionalizadas, com forte presença e centralidade da parte Norte) e, consequentemente, esse processo acabou sendo estendido ao antigo horizonte imigratório italiano (Franzina, 1995; Zanini, 2006). Isso ficou muito evidente com as inúmeras instituições que surgiram a partir daí; grande parte delas fortalecendo-se e identificando-se regionalmente em várias partes do Brasil, em particular, no Meridional. Memórias coletivas e ícones que se ligavam a grupos sociais tornaram-se patrimônios imateriais, passaram a ser demandados, instituídos, ritualizados e disseminados. Genealogias, festejos que ritualizavam italianidades, a intensa busca pela dupla cidadania, dentre outras manifestações, foram expressão disso tudo. Os bens simbólicos entraram em cheio nesse processo (produtos *típicos*, festejos gastronômicos e genealógicos de troncos familiares dos que emigraram, ser italiano pela dupla cidadania), no horizonte cultural de *territorialidades* (“i veneti”; “i padani”, “gli italiani nel mondo”), dentre outras ações e identificações. Regiões delimitadas passaram a ser “territórios étnicos” (Candau, 2011), redes se entrelaçaram regionalmente através de comunidades, associações, juntas regionais, círculos, comitatos, pactos de amizade, consula-

dos, Comites (Comitato degli Italiani all'Estero), federações (representantes de associações), Conferenze (exemplo da “Conferenza Permanente dei Veneti nel Mondo”), dentre outras.

A partir dessa conjuntura, grupos sociais de descendentes de italianos (terceira e quarta gerações) buscaram produzir pertencimentos, identificações, ligações com a pátria-mãe e o local específico de origem de fluxos migratórios do passado para o Brasil, bem como (re)dimensionar determinados processos *memoráveis*, valorativos e culturais agrupados na dimensão étnica (Zincone, 2006; Zanini 2006; 2007). Ainda que parecendo paradoxal frente ao novo contexto histórico, as associações se multiplicaram, muitas delas recriadas com identificação regional (associações vênetas, trentinas, friulanas, piemontesas, dentre outras). Surgiram muitos institutos ítalo-brasileiros (Comitatos), muitos deles atuando no campo assistencial e cultural, os quais viabilizaram a mediação na obtenção da dupla cidadania, dos cursos de língua italiana gramatical, ampliadas as participações de representantes consulares em várias cidades no sul do Brasil com a intenção de motivar eventos, galvanizar grupos de descendentes de italianos de regiões específicas. Ainda, abriram-se novos consulados e vice-consulados em várias capitais e cidades de maior expressão da comunidade de italianos no Brasil.

Com a mundialização de processos culturais e as formas de mobilidades transnacionais das últimas décadas (informações, imagens, tecnologias, deslocamentos geográficos, *online* etc.), ações entendidas como de cunho étnico buscaram transcender as fronteiras nacionais e produzir comunidades de pertencimento translocais e irmandades que imprimiam *rituais integrativos* (Candau, 2011; Zanini, 2006). Evidenciaram-se memórias de origens (do pioneiro, daquele que emigrou, como *mito fundador* de uma genealogia ampla, que se expressa no presente), ou a valorização dos locais de origem das saídas de grupos de imigrantes com os de chegada e de confecção de uma territorialidade alargada, a qual acabou por definir acordos de *gemellaggi*, materializando aquilo que Candau (2011) chama de “laços primordiais”, ou seja, os símbolos, os ícones, as referências que congregam indivíduos como sujeitos coletivos, que definem origens comuns, da “mesma cultura em dois locais” (como nos disse um interlocutor por ocasião de uma festa de família no município de Jacutinga-RS), expressas pela geografia, sobrenomes, língua dialetal, crença religiosa católica e/ou algum outro vínculo existente com a mãe-pátria. Nesse sentido, Halbwachs (1990) já dizia que a memória tem a característica de operar quando ligada e referida a aspectos concretos, como por exemplo, objetos, lugares e pessoas, aspectos esses passíveis de transfiguração significativa e simbólica, ou seja, para servir de testemunho, de figuras-chave do processo de reconstrução do passado.

Dedicaremos algumas linhas à questão da dupla cidadania por ela ser um horizonte de pertencimento binacional, de grande expressão deste contexto histórico de globalização, sendo que está ligada aos *gemellaggi* e outras ritualidades que revelam ampliação das italianidades *all'estero*.

4 “ME SINTO AGORA NÃO SÓ ITALIANO, MAS EUROPEU”. A DUPLA CIDADANIA E O EMPODERAMENTO ÉTNICO

O contexto de viabilização da dupla cidadania está no horizonte das dinâmicas globais pós-década de 1980 e, no caso italiano (e, acreditamos, para as demais nações que concederam a dupla cidadania), está envolto em interesses políticos, econômicos (negócios e turismo), culturais, identitários, religiosos, linguísticos e migratórios¹². A partir dessa estratégia, tornou-se interessante para a Itália alargar seus horizontes nacionais e de vínculos em razão das muitas dezenas de milhões de descendentes que estão fora dela. Só para termos uma ideia, no caso dos brasileiros, dados estatísticos nos informam que havia mais de 550 mil inscritos para a cidadania italiana de brasileiros em 2020; cerca de 310 mil a obtiveram até o referido ano; na quase totalidade, essa obtenção é fruto do *jus sanguinis*, e poucos a conseguem pelo *jus solis* (como imigrantes na Itália). Estima-se que, no Brasil, cerca de 30 milhões de pessoas sejam descendentes de imigrantes italianos; 29% no estado do Rio Grande do Sul, 32% em São Paulo e 39% no Paraná (Caritas/migrantes, 2021).

A obtenção da cidadania italiana para descendentes de imigrantes (*jus sanguinis*) em várias partes do mundo revelou, e continua a ser, um amplo horizonte em redes, mediações jurídicas, empresariais, políticas, legislações, estratégias de ação, dentre outros elementos. A busca por ela, nestas três ou quatro últimas décadas, é uma das grandes expressões desse processo que liga, de uma forma simbólica, a consanguinidade, que se expressa para além da esfera genealógica e adentra as *raízes* culturais (produzidas pelo ato migratório de italianos) e históricas (Zincone, 2006; Zanini, 2006; 2007).

A sua dimensão de identificação valorativa pessoal e social (ser “cidadão italiano” e/ou europeu) e pragmática (trabalho, estudo e turismo na Itália, em países europeus e, no limite, aos Estados Unidos) incorpora

12 Aqui não temos condições de espaços para delinear alguns dos processos que, não só para o caso italiano, mas também de outros países que possibilitam a cidadania pela descendência. Para uma análise nesse sentido, ver Zincone (2006; Zanini, 2007). Sobre imigrantes brasileiros e a dupla cidadania na Itália, ver TEDESCO, João Carlos. *Entre raízes e rotas. Identidades e culturas em movimento: aspectos da imigração brasileira na Itália*. Itajaí/Passo Fundo; Univali/UPF Editora, 2012.

simbologias, representações, mas também exige altos recursos financeiros, muitas vezes tempo longo aguardando a análise de consulados, como foi o nosso caso (espera de 11 anos pela obtenção junto ao Consulado Italiano de Porto Alegre). Há, nesse intento, mediações, encurtamento de caminhos (estes, nem sempre pelas vias legais), estratégias coletivas (de parentes), processos transnacionais em redes (de pessoas e instituições jurídicas e políticas), conhecimentos dos lugares de saída do imigrante, pesquisas em cartórios e arquivos de governo, conhecimento de parentes que hoje habitam nos lugares de origem. Inclusive, não é incomum a não recepção positiva dos ditos “parentes da Itália” ou dos que “lá ficaram”.

Na realidade, há uma ampla rede que produz as referências necessárias ao que a legislação determina para a obtenção da dupla cidadania. Há um processo interligado de fatores que reconstrói esses liames históricos, os quais se tornam apropriadores de direitos e de cidadania política ampliada e transnacional, além, é evidente, de toda uma incorporação simbólica e valorativa no âmbito étnico, que redimensiona e simboliza as italianidades. Ela é uma forma de religar descendentes de imigrantes italianos ao país de seus antepassados; é um meio de reatar elos temporais e criar mecanismos de identificação cultural, pertencimentos ainda que um tanto criticáveis (Zincone, 2006; Zanini, 2006; 2007) e uma cidadania pragmática para ambos os lados.

Quando realizamos uma pesquisa sobre a genealogia da família dos imigrantes Luigi Tedesco e sua esposa Giuditta Broglio (da qual somos descendentes), que foi produzida na forma de livro¹³, houve uma imensa manifestação de parentes, mesmo sem nos conhecermos, que demonstraram interesse na dupla cidadania e utilizaram os documentos, por nós já obtidos, para viabilizá-la. Houve um amplo processo de apropriação pessoal e coletiva de informações, de histórias de famílias, de migrações no interior do país, de desejo de conhecer “de onde saíram nossos parentes” e, também, “onde se estabeleceram os que vieram” e como viveram, trabalharam e onde estão enterrados. Nesse sentido, tem havido até então um intenso compartilhamento e reconstrução de memórias, de vivências, de informações, conhecimentos e trajetórias familiares que contribuíram para formar um horizonte coletivo e de socialização de (auto)referências ao e do passado familiar de imigrantes.

Ser descendente e pertencer a um grupo étnico, no caso da dupla cidadania, significa produzir alianças, recomposição, incorporação de patrimônios *tornados comuns* (Boubeker, 2003) ou diferenciados pela situação

13 TEDESCO, João Carlos.; DEBASTIANI, Fábio. *Genealogia da Família Tedesco*. Passo Fundo: Acervus, 2023.

de contato (como imigrantes brasileiros na Itália comumente dizem que se sentem “menos italianos na Itália do que no Brasil”¹⁴), ou, então, alargados, como um entrevistado na Itália (no Vêneto) que nos disse que não era mais brasileiro nem somente italiano, mas sim europeu. Com isso, os fatores de pertencimento e as expressões culturais e históricas passam a ser alargados, dinâmicos, não substancializados, para não dizer, totalmente esvaziados do argumento étnico (Zanini, 2006). Desse modo, as identificações culturais têm muito a ver com as estratégias adotadas pelos indivíduos em suas interações. Nessas interações, os atores/grupos sociais se identificam ou se distinguem, fazem ver seu pertencimento étnico, o qual pode se alterar no decorrer do tempo.

Como diz Dessajan (2009, p. 46), imigrantes com dupla cidadania poderão estar presentes na sociedade que os acolhe, mas “serão sempre de onde eles vêm”. Além disso, o duplo pertencimento revela a posse de uma *identidade dupla*. Segundo Santos (2010), é uma contradição dentro da categoria de estado-nação, pois é produtora de uma situação ambígua em termos de definição de grupo; nessa dimensão, percebe-se que os jogos étnicos funcionam de uma forma dinâmica e em constante construção; alimentam-se por interesses, interpretações que se alteram pelas circunstâncias e racionalidades produzidas (Zanini, 2006; Candau, 2011; Barouh, 1998).

A concessão da dupla cidadania e a consequente emigração de brasileiros para a Itália, nas últimas três a quatro décadas, surgem nesse contexto, ou seja, desenvolvem-se no interior de uma lógica econômica que se alimenta por um horizonte étnico-cultural e/ou *irmandades* histórico-territoriais (os *oriundi*, ou os de *origem*, alguns falam em “*imigração de retorno*” para fortalecer ainda mais a pertença dos de *hoje* em relação aos de *ontem*), produzindo novas representações, fronteiras culturais, tradições e funcionalidades econômicas. Isso produz aquilo que Candau (2011, p. 87) chama de “qualidade associativa e emocional”, ou seja, que materializa aquelas representações que são centrais na configuração do grupo identitário, as quais se esforçam para eternizar o passado e dimensionar a nostalgia de um tempo idealizado (genealogias, dialetos e tradições expressam isso).

Veremos a seguir alguns elementos mais amplos que denotam esses pertencimentos e estão muito envolvidos em rituais festivos genealógico-territoriais e co-irmandades étnico-territoriais, os quais, em boa parte, advém da esteira produzida pelo grande movimento gerado com a obtenção da dupla cidadania.

14 Entrevista com brasileiro na cidade de Schio (Província de Vicenza).

5 “FESTEJOS E GEMELLAGGIOS: ELOS QUE RECOMPÕEM TERRITÓRIOS E RESSIGNIFICAM A IMIGRAÇÃO

Os festejos étnicos, a gastronomia, as genealogias e os *gemellaggi* deram o tom dos rituais definidores das italianidades após o final da década de 1990. As associações, federações, *comitatos*, *conferenze*, dentre outras, perduram, inclusive foram ampliadas; são todas formas de representação que surgiram para contemplar algumas organizações associativas. Segundo Bernasconi e Bertagna (2024), ressaltando a dificuldade de identificação das associações na primeira década do século XXI, havia 365 delas no período, 108 destas estavam na cidade de São Paulo; no Rio Grande do Sul, em 2007, havia 102. Porém, ressaltam as autoras que boa parte dessas possuía maior identificação regional e/ou local. De qualquer forma, elas tendem a marcar a sequência da busca de uma identidade/identificação com o passado que tem a imigração como ponto central e *original*.

Esses horizontes associativos de pretensão étnica são marcados, em grande parte, por horizontes culturais, porém se dimensionam processos econômicos. Cursos de língua italiana passaram a ser, em boa parte, financiados por instituições públicas e privadas italianas; mediações de instituições para que alunos organizem excursões com cursos intensivos de língua italiana na Itália. As artes ganharam novos impulsos (corais, artesanato, pinturas, teatros, produções televisivas e cinematográficas); praças urbanas passaram a ser um espaço de sobreposição e identificação étnica com obeliscos, monumentos e nomenclaturas. Os casos aqui se multiplicam intensamente¹⁵.

As denominadas “festas de famílias” espalharam-se por todo o sul do Brasil. São encontros festivos de parentes (diretos e indiretos) que descendem de um tronco genealógico comum. Em geral, é o do imigrante e suas gerações subseqüentes. Elas buscam produzir rituais agregadores voltados ao grupo de descendência; “é uma forma de resgatar os parentes, de valorizar o imigrante que teve a coragem de vir para o Brasil e, aqui, constituiu família e, agora, estamos nós aqui, com muitos outros que foram se inserindo na família”¹⁶. Há uma noção alargada de família que se baseia no parentesco até a quarta geração.

15 Não temos espaços aqui para identificar os projetos e as ações de construção de monumentos e obeliscos em homenagem aos imigrantes italianos em vários municípios da Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, inclusive um deles é o projeto “Leões na Praça”, com a construção de monumentos com réplicas dos leões da Praça São Marcos de Veneza em homenagem à imigração de vênnetos para a referida região. A maioria deles foi inaugurada por ocasião de acordos de *gemellaggi*.

16 Entrevista com uma organizadora de uma “festa de família” no município de Serafina Corrêa – nordeste do estado, em março de 2017.

Nos festejos, há sempre uma ampla preparação; há estudos que, em geral, são apresentados no dia da festa em torno das descendências, narrativas sobre o tempo vivido na imigração, algumas falas sobre a realidade vivida pelos italianos no contexto da emigração para o Brasil¹⁷. A parte religiosa é central; há sobreposição de rituais católicos, com presença de padres que fazem parte do quadro de parentesco ou, se não houver, são convidados os da paróquia onde o encontro se realiza. Findo o momento religioso, começa a parte mais *profana* da festa com as comilanças, descontração, música, danças, cantorias dialetais, teatros sobre a imigração e a vida nas colônias pelos imigrantes¹⁸.

Encontros de famílias recordam os pioneiros e as raízes

Para o mês de janeiro de 2007 estão previstos diversos encontros de famílias, que reúnem os descendentes para reviver a história comum dos pioneiros, recordar as próprias origens, celebrar e confraternizar.

Balen - A comunidade São Carlos de Rio Brasil, em Barra do Rio Azul (RS), será palco do 4º encontro dos descendentes da família Balen. O evento ocorre no dia 6 de janeiro. Missa de ação de graças, almoço, tarde cultural e jantar seguido de animação musical, completam o programa. Confirmar presenças até 31 de dezembro pelos telefones (54) 3613.1166, 3528.1155 ou 9905.0160.

Ló - No dia 7 de janeiro, em Farroupilha (RS), ocorre o 3º encontro da família Ló. Missa às 11 horas na igreja matriz Sagrado Coração de Jesus, almoço no salão de Nova Vicenza e tarde com apresentações artísticas e culturais, fazem parte da programação. O 4º encontro já tem data - final de 2008, em Planalto (RS). Informações: tel. (54) 3268-7442.

Fassini - Em Daltro Filho, Imigrante (RS), será realizado dia 7 de janeiro o 3º encontro da família Fassini, com missa de ação de graças, almoço de confraternização e apresentações artísticas na parte da tarde. Confirmar presenças até 24 de dezembro por um desses telefones: (51) 3754.2018, 3754.2022 ou 3754.2077.

Pan - Outro evento que reúne gerações ocorre no dia 13 de janeiro, em Aratiba (RS), com o 2º encontro da família Pan, com homenagem os pioneiros Hermínia, Giuseppe, Joachin, Maria, Júlio Modesto (Aratiba), Ângelo (Erechim) e Joana Pan (Videira). A programação inclui missa de ação de graças, almoço festivo e tarde cultural. Informações pelos telefones (54) 3528.1119 ou 9976.6184.

Candaten - Na Linha Candaten, em Constantina (RS), será realizado no dia 14 de janeiro o 3º encontro da família Candaten, descendência dos imigrantes italianos Arcângelo, Bortolo e Matteo, que se estabeleceram em

Silva Jardim, Serafina Corrêa, em 1892. Exposição de fotos e objetos antigos, missa, almoço e tarde cultural fazem parte do programa. Reservas até 7 de janeiro pelos fones (54) 3363.1477 ou (55) 3755.1173.

Zanchettin - Na comunidade de São Lourenço, Vila Flores (RS), ocorre no dia 14 de janeiro encontro dos descendentes de Giuseppe e Tereza Dotti Zanchettin, com missa, exposição de objetos antigos, almoço e lançamento de um livro sobre a família. Confirmar presenças até 7 de janeiro pelos telefones (54) 3447.1581, (51) 3023.6643 ou pelo e-mail: nrzanchettin@vias-rs.net.

Battisti - Será realizado no dia 14 de janeiro em Salgado Filho (PR) encontro da família Battisti, com missa de ação de graças presidida pelo arcebispo de Maringá, dom Anuar Battisti. Salgado Filho está localizado a 45 km de Barracão e a 42 km de Francisco Beltrão. Informações com Ivo Battisti pelos telefones (46) 3564.1234 ou 3564.1238.

Convites para festas de famílias. Jornal *Correio Riograndense*. Caxias do Sul, 20/12/2006, p. 21. Cultura da Imigração.

17 Uma análise detalhada desse processo encontra-se em TEDESCO, João Carlos.; ROSSETTO, Valter. *Festas e saberes: genealogias e memória étnica*. Passo Fundo: UPF Editora, 2015.

18 Participamos de vários festejos de famílias em municípios do norte e nordeste do RS, nos últimos 15 anos. Nossa intenção era sempre analisar os rituais, as narrativas, os mediadores e os sentidos atribuídos aos que, de uma forma informal, dialogávamos.

Dá-se muita ênfase à Itália, à imigração e ao imigrante específico em questão; em geral, há presença de delegações de parentes do local de saída do emigrante na Itália, bem como a presença de apoio de associações de italianos que possuem em seus membros algum parente da família em festa. Portanto, são horizontes amplos que estão presentes nos festejos. Eles reatualizam e ritualizam significados tradicionais do parentesco, da família, do trabalho e do crescimento econômico da descendência do tronco imigrante - pioneiro, dos vínculos religiosos. Cria-se, com isso, uma *comunidade afetiva* (Halbwachs, 1990), formada por troncos parentais, identificação de grupo, auxiliando na formação e/ou galvanização de um corpo parental, multicultural e multiétnico, agregado a um referencial originário.

No tocante aos *gemellaggi*¹⁹, já mencionamos várias questões: são uma forma de expressão associacionista, pois vinculam grupos de dois territórios e promovem ações em seu benefício. De uma forma sintética, podemos dizer que buscam desenvolver o sentimento de continuidade, ou seja, uma irmandade que permanece ritualizada por dialetos, costumes, crenças materializadas na família, no âmbito religioso, linguístico e do trabalho, pilares estes produzidos em torno dos imigrantes, em regiões da pátria-mãe, e reproduzidos nos espaços de destino. Nesse sentido, eles referenciam-se no passado e (re)produzem uma memória e identificação coletiva ressituidas no tempo, que funcionam como guardiães da memória do grupo territorial de pertencimento.

Esses vínculos históricos promovidos pelas memórias da imigração e de grupos imigrantes em particular, localizados em territórios de origem e de destino transoceânicos, formam e/ou *reconformam*/reconfiguram grupos de identificação (Zanini, 2007). Nesse sentido, em todos os acordos, há um regramento que resulta em um *trabalho da memória* (Halbwachs, 1990), ou seja, seleção de memórias, no sentido de presentificar passados que ao presente interessam e/ou significam. Os processos de sua efetivação são muito parecidos em regiões variadas. Primeiramente, lideranças e/ou uma comissão são formadas nos municípios interessados, que, em geral, situam-se no cenário de destino dos imigrantes; são contratados professores ou “os que conhecem a história dos imigrantes”, como nos disse uma coordenadora de um dos *gemellaggi* em que participamos, para fazer as pesquisas

19 Ressalvando o desencontro de informações entre entidades, bem como o fato de não existir um órgão que desde o início congregue a todos as formas de associação *gemelladas*; além de que alguns acabaram não mais tendo sequência. Em todo o caso, a informação que obtivemos junto à ACIRS (Associação Cultural Italiana do RS), havia mais de 70 acordos de cooperação até junho de 2019, acrescidos ainda de “pactos de amizade” entre municípios dos dois países. Mais de 30 *gemellaggi* foram realizados entre municípios do Rio Grande do Sul, em particular, na sua parte norte e nordeste, com a região do Vêneto na Itália.

de cunho histórico e genealógico dos imigrantes, os quais saíram de um determinado município e/ou vilarejo e se estabeleceram próximos ao local de destino, assim como ainda possuem descendentes hoje.

Foto 1 – Assinatura do gemellaggio entre Caneva (Itália) e Fagundes Varela (RS)



Na imagem, temos o Prefeito do município de Caneva (região do Friuli-Venezia Giulia), com o prefeito e a delegação do município de Fagundes Varela (RS); evento ocorrido na Itália por ocasião de um acordo de *gemellaggio*.

Fonte: <https://www.fagundesvarela.rs.gov.br/secao.php?id=5>; acesso em 22/03/2024.

Feito isso e, chegado à conclusão de que há um bom número de descendentes de imigrantes ainda situados no município tal e que são oriundos de um da Itália, começam-se as tratativas para um acordo preliminar denominado Pacto de Amizade. Essa já é uma forma preliminar de intercâmbio, pois há visitas de comissões e delegações em ambos os municípios. Após um ou dois anos nesse atual estágio, utiliza-se esse tempo para contatar empresários e instituições variadas, de ambos os espaços, para que cada um veja como poderá implementar investimentos econômicos, parcerias, auxílio mútuo, viabilizar cursos e promover o turismo. Nesse horizonte, a pauta é longa. Tendo possibilidades de ações, as comissões e os representantes retomam os contatos, intercambiam as propostas e, se forem consideradas plausíveis para ambos os sujeitos envolvidos nos dois territórios dos dois países, assina-se o acordo de *gemellaggio* com a presença de delegações do

país originário da imigração, ritualidades étnicas, representantes políticos, religiosos, empresariais, festejos e mídias²⁰.

Há alguns pré-requisitos para viabilizar os *gemellaggi*. Dentre os principais, é que haja comprovação de fluxos migratórios, a existência prévia de associações e que seja comprovado que estas “promovem a valorização e manutenção da cultura italiana”, pessoas que “saibam falar a língua, quem conhece o dialeto”; no campo cultural, “desenvolver o relacionamento entre as famílias para que se mantenha a cultura e as tradições das nossas populações”, além do “benefício de estudantes e trabalhadores de ambas as cidades que poderão estudar em universidades vinculadas ou mesmo trabalhar temporariamente em áreas afins com seus objetivos”²¹. O mais evidenciado em todos os acordos que foram pesquisados é a obrigação de expressar o desejo “de sempre manter viva a ligação dos descendentes com seu país de origem”, que haja pessoas do lugar com a dupla-cidadania, além da possibilidade de “troca de experiências de práticas bem-sucedidas aqui e que podem ser implantadas na nossa futura cidade-irmã, e vice-versa”²².

As instituições envolvidas produzem legitimidade e concretude aos acordos, por isso a presença da Igreja Católica passa a ser fundamental, pois interliga credos e valores, como é o caso da família tradicional, do trabalho, do parentesco, e da sua presença, no passado, junto aos imigrantes. Discursos são produzidos nos atos e rituais de afirmação dos acordos, muitos deles inflados na dimensão histórica com a intenção de demonstrar os laços existentes e as identificações. Por ocasião de um dos acordos em que participamos em um município do norte do Rio Grande do Sul, um dos responsáveis disse em seu discurso que,

[...] além dos possíveis elementos econômicos, há possibilidade de estreitar a união levando em consideração as tradições e culturas que entre nós são semelhantes. [...]. *Temos a mesma raiz, falamos o dialeto nosso [...], com isso podemos fazer negócios e reproduzir a nossa cultura*²³ (Grifos nossos).

20 Não tivemos condições ainda de pesquisar em alguns dos municípios acordados sobre os resultados efetivos disso em termos econômicos e culturais. Será objeto de pesquisa nos próximos anos.

21 Fragmentos de textos dos documentos de *gemellaggi* colhidos em pesquisa de campo em alguns municípios no Rio Grande do Sul.

22 Idem.

23 Gravação efetivada com membro da coordenação do evento, por ocasião de um acordo de *gemellaggio* no município de Nova Prata, nordeste do Rio Grande do Sul, em 15 de outubro de 2017.

Esses processos representam energia, desejo de ligar o *hoje* ao *ontem*, que correlaciona o emigrante aos seus descendentes, territórios em co-presença. É como se essa estrada não acabasse com a imigração dos de ontem; os de hoje também a querem, com outras intenções, refazê-la e, para isso, a referência com o vivido de ontem torna-se funcional, afinal, há um pertencimento constituído, legitimado e idealizado. Desse modo, recursos de memória se entrecruzam com aqueles da identificação étnica, reforçando-se mutuamente (Candau, 2011) e esforçando-se para eternizar um tempo passado (local de origem dos antepassados, emigração, vida na colônia, o trabalho aliado ao sacrifício e aos limites). Assim, esses conteúdos ressignificados e comemorados pelos *gemellaggi* tendem a desenvolver nos grupos de hoje “sentimentos de continuidade” (Candau, 2011, p. 147), um projeto de integração e de unidade étnica de tempos e territórios diferenciados e distanciados.

Em pesquisa de campo, em momentos de festejos de *gemellaggi*, indagávamos pessoas presentes sobre o sentido que davam aos referidos acordos. As respostas giravam em torno de questões ligadas à cultura italiana, aos cursos de língua italiana, às possibilidades de viajar à Itália, interesses ligados à dupla cidadania, ao fato de pertencer a um horizonte de raízes comuns de origem, ao imaginário da Europa, do sucesso econômico dela, dentre outras dimensões que revelam interesses subjetivos de indivíduos que entendem que os referidos acordos passam a ser importantes.

Alguns fragmentos de narrativas de representantes de entidades públicas (prefeituras, Igreja Católica e comissões organizativas), obtidos em nossas pesquisas, revelam esse entrelaçamento de tempos, territórios e fatos que objetivam ser preservados: “Não esqueceremos mais das nossas origens, pois para nós a família é muito importante, e, não obstante, a distância geográfica, nos recordamos todos os dias da pátria de nossos nonos. Uma Itália que consideramos a nossa extensão geográfica²⁴”. “Duas cidades irmãs que vêm resgatando o orgulho, a dignidade e o sentimento de italianidade dos descendentes de imigrantes italianos. Ele [*gemellaggio*] edificou uma ponte que nos reconecta às nossas origens, criando laços sólidos e duradouros entre as duas comunidades”. Segue outra de um prefeito de uma cidade, por ocasião de um *gemellaggio* que “é muito importante para o município na sua cultura, e isso impacta em outras áreas, como o turismo, a indústria, o comércio e a economia como um todo²⁵”. Uma representante

24 Discurso de um coordenador de um *gemellaggio* no centro-norte do Rio Grande do Sul, por ocasião do momento da assinatura do convênio. Pesquisa de Campo.

25 Entrevista com o Prefeito do município de Marau (RS), em entrevista direta sobre o *gemellaggio* com um município da Província de Vicenza (região do Vêneto).

do comitê do *gemellaggio* de Monte Belo do Sul com o município de Schiavon (Vicenza – região do Vêneto) disse-nos que “são dois povos que se ligam pelas mesmas origens, o dialeto, costumes [...], legados de nossos antepassados imigrantes e dos que lá ficaram”. As narrativas aqui poderiam ser multiplicadas, mas, em geral, possuem conteúdos muito comuns em torno dos entrelaçamentos históricos, da comunhão de costumes, étnos cultural, dialeto, viabilização de negócios, turismo e intercâmbios entre jovens dos dois locais.

Vimos casos de negócios feitos entre italianos provenientes de municípios com esses acordos em ramos do setor moveleiro, vitivinicultor, da industrialização do morango, do comércio de mármore, investimentos no setor de industrialização de produtos derivados do leite, nas marcas e exportação de queijos e vinhos regionais para o Brasil, dentre outras atividades. No caso de brasileiros, vimos em pesquisa de campo (em 2017, 2019 e 2023), em municípios da região do Vêneto, na Itália, oferta de cursos e de espaços de trabalho para enfermeiras/os, no setor de enologia e produção de uva, imigrantes atuando em setores variados, em particular, na agricultura, na construção civil, no cuidado aos idosos e em clínicas e hospitais, sob a tutela dos acordos de *gemellaggi*. Entrevistamos dois jogadores de futsal na cidade de Treviso que afirmaram que o *gemellaggio* com sua cidade de origem auxiliou “na vinda aqui”. Vários cursos de formação são oferecidos em setores de grande expressão econômica nos municípios da referida região, inclusive de língua e cultura italiana.

Num acordo de *gemellaggio* entre o município da Província de Vicenza e o de Marau, estado do Rio Grande do Sul, em 2019, vimos vários artigos que expressavam intenções, objetivos, regramentos e possibilidades de efetivar ações. Recortamos um fragmento que nos chamou mais a atenção:

Art. 1º Fica o Município de Marau autorizado a firmar o Ato de Intercâmbio – *Gemellaggio* – com o Município italiano de Isola Vicentina. [...], estreitar laços culturais com cidades italianas em razão da notória ascendência das famílias locais. [...]. Não é necessário lembrar os fortes laços de sangue que unem Brasil e Itália, em especial nosso Município colonizado que foi por *bravos italianos* que aqui se estabeleceram no passado e que até hoje estão presentes em nosso sangue como parte de nossas famílias. [...], de desenvolver o relacionamento entre as famílias para que se mantenha a cultura e as tradições das nossas populações e também de promover iniciativas sociais, culturais e econômicas²⁶ (Grifo nosso).

26 Documento de justificação do *gemellaggio* entre o município de Marau e o de Isola RIHGRGS, Porto Alegre, n. 167, p. 115-141, dezembro de 2024.

Nas narrativas em jornais locais/regionais, nos discursos por ocasião dos acordos, nas entrevistas que foram feitas com representantes e/ou encarregados dos municípios pelos *gemellaggi*, vimos que há um forte traço ufanista, principalmente no âmbito econômico de italianos no espaço local, do passado histórico, da necessidade e da possibilidade de unir tempos, territórios e pessoas, da noção de *sangue e origem*, a simbologia da vitória sobre as adversidades. Alguns outros fragmentos de narrativas revelam isso: “destacou a perseverança e a coragem dos imigrantes que venceram todas as adversidades e hoje voltam a apertar as mãos dos irmãos italianos”; “a assinatura do *gemellaggio* significa a união de sentimentos de terras e culturas que têm as mesmas raízes”²⁷; “Farroupilha é o berço da imigração italiana e, por isso, quer manter viva a história de seus antepassados imigrantes”²⁸. Em entrevistas com representantes da comitiva italiana, por ocasião da afirmação do acordo de *gemellaggio*, em Ilópolis (RS), um deles disse que “quando cheguei, estranhei bastante, mas depois me senti em casa; eles falavam que nem os nossos antigos e que a gente sabe ainda [...]. Parece uma extensão do que somos lá. Se tu falares lá [no município italiano *gemellado*], eles não vão acreditar que aqui é assim”.

Com essa realidade étnico-econômica e cultural, que vem ganhando cada vez mais concretude e que serve, também, para intensificar e/ou reconstituir italianidades, horizontes culturais se ligam no tempo, entrecruzam-se pela institucionalidade dos grupos e dos territórios, além de ganharem formatos variados em razão da maneira como os grupos étnicos se manifestam e se autopercebem (Seyferth, 1993; Zanini, 2006; 2007). Isso acaba produzindo um capital social étnico que é também agregado à Igreja Católica e serve para alimentar iniciativas migratórias de brasileiros para a Itália, performance migratória essa, de caráter tutelado, como alguém nos disse num dos municípios que visitamos na Itália, região do Vêneto (em 2019), que havia um *gemellaggio* com um município do Rio Grande do Sul, “esse é o imigrante que a Itália quer e precisa”. Estes não encontram tanta rejeição da sociedade autóctone.

Vicentina (Vicenza – região do Vêneto). Fonte: Documento obtido junto à Prefeitura Municipal de Marau, em 2019.

27 Idem.

28 Prefeito do município de Farroupilha (RS), por ocasião dos festejos de comemoração aos 10 anos de *gemellaggio* com o município de Latina (região do Lazio). Fonte: pesquisa de campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que imigrantes italianos, desde seu início, buscaram organizar formas associativas nos espaços de destino em correspondência com os locais de origem e seus significados. Elas se alteraram com o passar do tempo e com os contextos do país e de fora dele. As formas atuais apresentam-se um pouco diferenciadas, porém são frutos de uma dinâmica diferenciada de sujeitos, gerações e contextos sociais. Com as associações entre italianos e descendentes, produzem-se intercorrelações múltiplas: regionais, territoriais, linguísticas, redenção e contraponto de uma Itália e de imigrantes italianos pobres, que hoje demonstram sua diferença, sua pujança econômica.

Percebemos que as identificações étnicas se tornam (trans)temporalizadas, o associacionismo italiano, variado e dinâmico, segue em seu curso histórico reconfigurando italianidades, no entanto, não como um fenômeno isolado, mas na dinâmica da sociedade global. O formato e os sentidos dos *gemellaggi* continuam demonstrando os vínculos entre territórios e sujeitos sociais e econômicos, alimentados pela seiva do passado, da velha imigração e da irmandade étnico-territorial. Revelam laços históricos reconstruídos como laços ou pontos comuns, como valores da *origem italiana*, os quais se renovam em termos de vínculos e externalidades (intenções localizadas no tempo e no espaço), mas reproduzidos como se fossem ou possuíssem significados perenes.

Esses vínculos associativos que vimos, de uma forma concreta e/ou simbólica, atualizam os pertencimentos, o mito de origem, recriam e/ou renovam a ítalo-brasilidade, o transnacionalismo de vínculos, os quais também são demonstrados pelos festejos, acordos de co-irmandades, parcerias econômicas, pela mesa farta nos festejos, como simbologia do contraponto ao vivido na Itália pelos antepassados ou mesmo pelos italianos de hoje (Capellin, 2010; Capellin; Giuliani, 2008). “Aqui se come bem, com carne em fartura, diferente do que lá na Itália; lá tem massa, mas aqui tem carne, coisa que eles lá quase nem comem porque custa muito²⁹.” A carne revela a riqueza, o bem-estar, além de ser alimentação de custo elevado, ela é o símbolo do contraponto da pobreza.

Com os festejos de família e os *gemellaggi*, torna-se possível buscar raízes de uma árvore de quase 150 anos, encontrar vestígios e marcas que identificam grupos ressemantizados por noções de “origem” (Zanini, 2006). Eles, como já mencionamos, renovam sentidos da velha emigração, promo-

29 Entrevista com um Prefeito de um município que possui acordo de *gemellaggio* da região nordeste do Rio Grande do Sul. Pesquisa de campo.

vidos pelas gerações outras, potencializam um olhar nostálgico dos descendentes de imigrantes para o passado, porém fundado na imigração que deu certo, ou seja, ao imigrante referenciado e como redenção ao sofrimento e à penúria do passado. Possibilitam revigorar grupos, rituais e narrativas no decorrer dos tempos. Os rituais de *gemellaggi* revelam um jogo de identificações temporais e geográficas de sujeitos coletivos, reproduzindo o que são considerados elementos das italianidades. Ainda que essa seja expressão de coletividades/comunidades imaginadas (Anderson, 2008) e congeladas no tempo, dão o tom da distinção, da autoestima elevada, da valorização e/ou valorização de si e do coletivo de descendentes (Zanini, 2006; 2007).

Enfim, os *gemellaggi* coroam um processo histórico e imprimem novas ações e possibilidades associativas. Com isso, dão continuidade aos laços com os quais os descendentes se ligam com italianos e com a Itália. Entendemos ser fundamental a sua efetivação, independentemente da abordagem que é dada e dos processos culturais que, sob seu manto, redundam em negócios, parcerias e migrações tuteladas. Eles permitem conhecimentos históricos, valorização da imigração e dos imigrantes, que idealizaram seus vividos em outro país, laboraram imensamente e deixaram ampla descendência, as quais são referendadas e referenciadas. Ainda, retomam e dinamizam processos transnacionais que valorizam dialetos, modos de ser e de viver de grupos sociais. Com formatos bastante comuns entre si, os *gemellaggi* acabam criando formas novas e/ou renovadas de vínculos associativos, mas que mantêm o significado de pertencimentos étnicos transnacionais.

REFERÊNCIAS

- AMBROSINI, Maurizio. *Sociologia delle migrazioni*. Bologna: Il Mulino, 2009.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAROUH, Simon. (Dir.). *Dynamiques migratoires et rencontres ethniques*. Paris: L'Harmattan, 1998.
- BAUMAN, Zigmunt. *Comunidade. A busca de segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BERNASCONI, Alicia.; BERTAGNA, F. Le associazioni italiane in Argentina e Brasile. In: CSER – Centro Studi Emigrazione Roma. *Il nuovo associazionismo italiano all'estero*. Roma: Cser, 2024, p. 205-2015.
- BERTAGNA, Federica. *Una patria di riserva. L'emigrazione fascista in Argentina*. Roma: Donzelli, 2006.

- BERTI, Fabio. Globalizzazione, migrazioni internazionali e cooperazione allo sviluppo. In: AMBROSINI, M.; BERTI, F. *Persone e migranti*. Integrazione locale e sentieri di co-sviluppo, Milano: Franco Angeli, 2009, p. 44-64.
- BIONDI, Luigi. Mãos unidas, corações divididos. As sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo na Primeira República: sua formação, suas lutas, suas festas. In: *Tempo – Revista do Departamento de História da UFF*, n.1, jul., 2012. Online Library.
- BOUBEKER, Ahmed. *Les mondes de l'éthnicité. Voix et regards*. Paris: Ballaud, 2003.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CAPELLIN, Paola.; GIULIANI, Gian Mario. Imagens culturais italianas nos estilos empresariais brasileiros. *Locus. Revista de História*. Juiz de Fora (MG), v. 14 n. 2, p. 67-82, 2008: Dossiê Imigração Italiana.
- CAPPELLIN, Paola, et al. *Entre Memória e Mercado: Famílias e empresas de origem italiana no Brasil*. Belo Horizonte, Argvmentvm. 2010.
- CARDOSO de OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira Editora, 1978.
- CARITAS MIGRANTE. *Dossier statistico Immigrazione – 2022*. Roma: Idos, 2023.
- CARITAS/MIGRANTES. *Dossier Statistico Immigrazione - 2020*. Roma: Idos, 2021.
- COLOGNESE, Silvio Antônio. *Associações étnicas de italianos: identidade e globalização*. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.
- COSTA, Rovílio.; DE BONI, Luis. Antônio. *Imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/Educs, 1984.
- CUNHA, Albino. *Migrações e desenvolvimento: lógicas de terreno entre a Europa e a África*. Lisboa: Academia Premium, 2007.
- DALMOLIN, Cátia. *Mordaça verde e amarela. Imigrantes e descendentes no Estado Novo*. Santa Maria: Palloti, 2006.
- DESSAJAN, Elsa. et al. (dir.). *Immigration et identité nationale*. Paris: L'Harmattan, 2009.
- FRANZINA, Emílio. *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.
- FRANZINA, Emílio. *Merica, Merica. Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei*

- contadini veneti in America Latina* (1876-1902). Roma: Feltrinelli, 1979.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HERÉDIA, Vânia Beatriz. *Processo de industrialização da Zona Colonial Italiana*. Caxias do Sul: EdUCS, 2017.
- IANNI, Otávio. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- LUCA, Tania Regina de. As sociedades de socorros mútuos italianas em São Paulo. In: DE BONI, Luis Antônio. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Vol. II. Porto Alegre/Torino: EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, p. 148-162.
- MAESTRI, Mário. *Os senhores da Serra: a colonização italiana do Rio Grande do Sul - (1875-1914)*. Passo Fundo: EdUPF, 2000.
- MARABELLO, Selenia. *Antropologia e Migrazioni: una storia di co-sviluppo tra l'Italia ed il Ghana*. Bologna: Università di Bologna, 2009. Doutorado di Ricerca.
- NORONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EdPUCRS, 2001.
- PELLANDA, Ernesto. *Aspectos gerais da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Álbum comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1950.
- PINTO, Júlio. *Os muitos tempos da memória*. Projeto História: São Paulo, n. 17, p. 203-211, 1998.
- PUGLIESE, Enrico. Vecchio e nuovo associazionismo italiano. In: CSER – Centro Studi Emigrazione Roma. *Il nuovo associazionismo italiano all'estero*. Roma: Cser, 2024, p. 53-65.
- SANTOS, Miriam. de Oliveira. A noção de identidade e seu uso nos estudos migratórios. In: *Revista REMHU*, n. 34, ano XVIII. São Paulo, p. 27-43, jan./jun., 2010.
- SASSEN, Saskia. *Una sociologia della globalizzazione*. Torino: Einaudi, 2008.
- SEYFERTH, Giralda. Identidade camponesa e identidade étnica. *Anuário Antropológico* 91. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 31-63, 1993.
- SIVIERO, Ivone Bigolin. *Reatando o elo com a Itália*. Chapecó: Argos, 2004.
- TRENTO, Angelo. *Do outro lado do atlântico. Um século de emigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.
- TRENTO, Angelo. La stampa periodica italiana in Brasile – 1865-1915. In:

Il Veltro – Rivista della Civiltà Italiana, XXXIV, n. 3, p. 301-315, mai./ago., 1990.

WOORTMANN, Ellen. Árvore da memória. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, n. 92, p. 113-131, 1994.

ZANINI, Maria Catarina. Fé, trabalho e família: a construção das memórias entre descendentes de imigrantes italianos. *Revista USP*. São Paulo, n. 72, p. 161-170, dezembro/fevereiro 2006-2007.

ZANINI, Maria Catarina. *Italianidade no Brasil Meridional*: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria – RS. Santa Maria: UFSM, 2006.

ZINCONI, Giovanna (a cura di). *Familismo legale*: come (non) diventare italiani. Roma-Bari: Laterza, 2006.

Recebido em: 01/04/2024

Aceito em: 09/07/2024